

Juntos no XI Congresso de estudantes da USP!

*"Desconfiai do mais trivial,
na aparência singelo.
E examinai, sobretudo, o que parece habitual.
Suplicamos expressamente:
não aceiteis o que é de hábito como coisa natural,
pois em tempo de desordem sangrenta,
de confusão organizada,
de arbitrariedade consciente,
de humanidade desumanizada,
nada deve parecer natural
nada deve parecer impossível de mudar."
Bertolt Brecht*

Desnaturalizar as coisas e construir um outro futuro para a juventude e toda sociedade. É para isso que surgiu o **Juntos!**, impulsionado por mobilizações em todo mundo e também em nosso país. A primavera árabe, o movimento Democracia Real Já na Espanha, o exemplo dos estudantes chilenos, a luta em defesa do meio ambiente, da educação, da liberdade, dos direitos civis das populações oprimidas. Nas ruas, construímos novas formas de mobilização e uma nova política. **Recentemente, participamos de uma marcha na Cúpula dos Povos com mais de 50 mil pessoas no Rio de Janeiro!** Não é a velha prática corrupta e elitista que impera nos palácios que nos representa!

O XI Congresso de estudantes da USP acontece durante um momento importante no Brasil. Nas Universidades Federais, estudantes, professores e funcionários têm dado um exemplo de luta pela educação. O governo federal, no entanto, ignora as reivindicações de uma greve que já dura quase 3 meses. Em São Paulo, por sua vez, vemos uma eleição municipal despolitizada, em que os grandes candidatos fazem campanhas milionárias, correndo atrás do apoio de figuras como Gilberto Kassab e Paulo Maluf.

Para lutarmos neste congresso pela democratização da USP, devemos entender a importância da luta por educação e por uma nova política em todo país.

Brasil: país rico é país com educação de qualidade e para todos

Estamos acompanhando um grande otimismo em relação ao futuro do Brasil. Setores da mídia e do governo federal afirmam que somos o “país do presente” e não mais o “país do futuro”. Aos olhos do mundo, não sofremos ainda as consequências da

crise econômica, combinamos crescimento econômico e inclusão social e ainda nos preparamos para receber os chamados “grandes eventos” esportivos.

Tudo indo muito bem... Será? O clima de otimismo difundido no país não significa necessariamente melhoria de vida dos brasileiros. Seguindo a lógica neoliberal de pensar a sociedade, a inclusão social promovida no último período é pensada através do **consumo** e não dos **direitos sociais**. Aqueles que ascendem economicamente no país passam a consumir uma série de novos produtos, mas seguem alijados de direitos sociais básicos, como a educação e a saúde. A “nova classe média” é obrigada a buscar planos de saúde privados e faculdades particulares para suas famílias e, nesse sentido, enfrenta limites para a própria continuidade de sua ascensão social.

O caso da educação é emblemático. Embora seja uma das principais conquistas garantidas pela Constituição, a educação pública e gratuita é até hoje um direito não respeitado. Durante a década de 1990, vimos o Estado convocar o mercado para ocupar seu lugar na garantia desse direito. Cresceram os grupos empresariais do ensino superior e o endividamento dos jovens que neste ingressavam. Isso foi intensificado durante os governos Lula e Dilma, através da reforma universitária: PROUNI, REUNI e Lei de Inovação Tecnológica. O REUNI, em especial, caracterizou a era Fernando Haddad e conduziu à situação insustentável em que hoje está a educação no país. As universidades públicas que passaram por uma enorme expansão sem garantia de maiores investimentos hoje entram em colapso. O número de alunos por professor dobrou, a permanência estudantil não foi garantida e a qualidade de ensino foi seriamente comprometida.

O atual ministro da educação, Aloísio Mercadante, diz que não senta para “negociar com grevistas”. Fernando Haddad finge que nada é com ele e só pensa nas eleições de São Paulo. A presidenta Dilma ameaça cortar o ponto dos grevistas e chega a promover repressão ao movimento social, como nas prisões dos estudantes da UNIFESP. A expansão do ensino e o otimismo brasileiro aparecem, por isso, como mera **publicidade governamental**. Enquanto o investimento em educação segue estagnado em torno de 3% do orçamento da União, cerca de 45% é destinado ao pagamento dos juros da dívida pública.

Acreditamos que a educação é uma ferramenta importante para a emancipação e criticidade humana. Por isso, também para a construção de um país justo e próspero. A expansão de vagas e a democratização do acesso, através por exemplo das cotas sociais e raciais, é fundamental. Ao mesmo tempo, é urgente garantir a qualidade do ensino, a implementação de políticas de permanência estudantil e o respeito aos movimentos sociais. Essa é a luta histórica do movimento estudantil.

Em defesa da educação:

- 10% do PIB para educação pública já!
- Apoio à greve nas universidades federais. Que o governo atenda às reivindicações!

Para onde vai a USP com João Grandino Rodas?

Desde a sua fundação, a USP foi concebida como uma universidade para a elite do país, produzindo fundamentação teórica e agentes a serviço da classe dominante. Durante as últimas décadas, o PSDB tem apresentado um projeto para a universidade expresso em diversas medidas. Em 2007, foram os decretos de José Serra atacando a autonomia universitária; em 2009, o ensino à distância através da UNIVESP; em 2011 e 2012, a repressão e perseguição ao movimento social. **Vemos cada vez mais a USP se distanciar da maioria da população, planejar seu ensino e pesquisa de acordo com as necessidades do mercado, abrir-se ao financiamento privado e desrespeitar aqueles que se organizam politicamente.**

Para isso é que Rodas foi nomeado reitor por José Serra. Logo após o STF garantir a constitucionalidade das cotas, Rodas prontificou-se a dizer que a USP não as adotaria. Aproveitando-se do lamentável episódio do assassinato de um estudante da FEA, colocou em prática medidas de “segurança” que, na verdade, isolam ainda mais a USP da sociedade e promovem a perseguição política e ideológica. Enquanto isso, casos de agressão a mulheres e a LGBTs dentro dos *campi* seguem sendo ignorados.

Rodas tem ampliado o espaço para as fundações privadas na universidade e implementado projetos mercantilizantes de reforma no ensino e na pesquisa, como as “diretrizes” para a graduação e as propostas de reforma no regimento da pós-graduação. O direito à permanência estudantil como gratuidade ativa, ao mesmo tempo, segue sendo ignorado em muitos *campi* da USP e o investimento da reitoria na área é pífio.

Nosso reitor administra a USP com “mãos de ferro”. Orgulha-se em ser um “xerifão”. Busca enfraquecer e dividir as três categorias da universidade. Para ele, conflitos políticos devem ser resolvidos através do porrete e a educação é um “caso de polícia”. Segundo reportagem da Carta Capital, em três anos de mandato, Rodas processa e elimina o equivalente à metade do que a ditadura militar fez ao longo de todo o regime. A meta da reitoria é enfraquecer o movimento estudantil e suas entidades, anunciando medidas como a proibição de festas e venda de bebida alcoólica nos *campi* e a retirada de espaços estudantis.

A USP não pode ser o quintal do PSDB e de Rodas. Devemos lutar por uma universidade em que se dê, de forma integrada, a capacitação ao trabalho e a reflexão crítica sobre a sociedade. Para cumprir sua **função social**, a universidade deve ser **gratuita e autônoma em relação ao Estado, a governos e ao mercado**, pautando-se na **liberdade de pensamento e informação, sem qualquer forma de censura ou discriminação**. Para isso, é indispensável a democracia interna em seu funcionamento.

Em defesa da universidade que queremos:

- Ampliação da política de acesso à USP, com cotas sociais e raciais.

- Garantia de permanência estudantil. Pelo aumento dos auxílios sem contrapartida de rendimento acadêmico e das vagas no CRUSP; construção de moradia na EACH e democracia na gestão das moradias da capital e do interior.
- Contra a mercantilização do ensino, as diretrizes para a graduação e a reforma no regimento da pós-graduação.
- Não à proibição das festas e venda de bebida alcoólica nos *campi*.
- Pelo fim dos processos a estudantes e funcionários e do Regimento Disciplinar de 1972.
- Pela saída da PM dos *campi* da USP. Por um plano alternativo de segurança.
- Contra a terceirização dos Hospitais Universitários. Por um serviço de saúde que atenda à sociedade de forma universal, integral e com qualidade.
- Pelo combate ao machismo, racismo e homofobia na universidade.

O XI Congresso de estudantes é para democratizar a USP!

“Ninguém/ Ninguém vai me acorrentar/ Enquanto eu puder cantar/ Enquanto eu puder sorrir/ Enquanto eu puder cantar/ Alguém vai ter que me ouvir”

Chico Buarque - Cordão

Se a luta pela educação tem um papel central no Brasil, na USP isso assume a forma da luta pela **democratização radical da universidade**. A USP como ela é hoje só existe porque uma casta burocrática mantém-se no seu controle. Um grupo restrito de pessoas, que não tem compromisso com a universidade e que só pensa nos seus próprios interesses. Embasado por um estatuto retrógrado, se elegem e reelegem através de eleições não diretas tanto para reitor como para diretoria de unidades.

Os últimos acontecimentos na universidade têm deixado isso claro. A própria reitoria soltou um “USP Destaques” em que rebatia os argumentos do movimento estudantil acerca da “democracia na USP”. Rodas convocou um Conselho Universitário com pauta “estrutura de poder” e pretende, no segundo semestre, alterar o estatuto da USP à revelia da participação da comunidade universitária. As últimas mobilizações do movimento estudantil têm tido essa pauta como central e cresce o sentimento de que a USP precisa passar por sua “transição democrática”. Parte disso tem sido a luta por uma Comissão da Verdade da USP, para esclarecer o papel que cumpriu a universidade ao longo da ditadura militar e o que desta e de sua cultura política ainda sobrevive na atualidade. Embora ligada à comissão nacional, a Comissão da Verdade da USP pode superar os vícios daquela, por meio de um funcionamento democrático e da investigação dos verdadeiros culpados do período militar.

Por isso, a principal tarefa do XI Congresso de estudantes é armar a luta pela democratização da universidade. O congresso deve ser nosso **fórum por democracia na USP** e, nesse sentido, planejar duas lutas centrais: por eleições **diretas para reitor** e por uma **estatuinte na universidade**.

Em 2013, queremos votar para Reitor!

2013 será ano de novas eleições para reitor e o movimento estudantil não pode ficar de mãos atadas. A falta de democracia na universidade está ligada à maneira como os reitores são eleitos. Podemos votar para prefeito, governador e presidente, mas não podemos votar para reitor! No processo de eleição, votam no “coleginho” da USP apenas três funcionários (0,9%), 19 representantes discentes da graduação (5,8%) e 21 da pós-graduação (6,46%). O restante são professores e, em sua maioria, titulares. Em seguida, acontece um segundo turno ainda mais restrito e, por fim, a escolha do reitor por parte do governador do estado, a partir de uma lista tríplice de nomes. Trata-se do sistema mais restrito de eleição em todo o país, não respeitando sequer a LDB e estando atrás inclusive da UNESP e da UNICAMP.

Defendemos uma atuação unificada do movimento neste momento, para apresentar nosso projeto de universidade e buscar diálogo com setores de dentro e de fora da USP. Propomos que **o movimento estudantil, junto com professores e funcionários, tenha um candidato próprio nas eleições de 2013. O candidato da estatuinte e das diretas, com as nossas propostas!** A partir disso, podemos organizar uma eleição direta junto às três categorias da universidade.

Não é o poder quem regula o poder. Não se muda o estatuto sem participação da comunidade universitária!

Neste ano, reivindicar uma estatuinte, mais do que um princípio, é uma oportunidade real do movimento estudantil. **A reitoria em 2012 está criando um fato político: abriu um processo de reforma estatutária na USP para mexer na estrutura de poder da universidade.** O que querem com isso, já sabemos: mudanças pequenas, decididas no próprio Conselho Universitário. Não podemos permitir que isso aconteça! É necessário construir uma mobilização na universidade dizendo que **não se muda o estatuto sem participação da comunidade universitária!** Uma mudança estatutária só será real quando estiver em sintonia com as demandas de professores, funcionários e estudantes. Precisamos conquistar um processo estatuinte paritário entre as três categorias.

Propostas para democratizar a USP:

- Eleições diretas para reitor e diretores de unidade já! Pelo fim da lista tríplice!

- Que as três categorias apresentem uma candidatura própria a reitor em 2013, organizando eleições diretas entre estudantes, professores e funcionários.
- Estatuinte na USP já! Somos contra as mudanças que a reitoria quer fazer de maneira restrita e antidemocrática! Que o XI Congresso faça um chamado às demais categorias da universidade para a construção de um processo estatuinte paritário.
- A comunidade universitária deve ser ouvida! Organizar em outubro um plebiscito com os temas: estatuinte, diretas para reitor e mudanças estatutárias propostas pela reitoria.
- Realizar audiências públicas e debates nas unidades para ampliar esse debate.
- Fortalecer a campanha e exigir a instalação de uma Comissão da Verdade da USP que seja democrática e autônoma, com seus membros eleitos diretamente pelas três categorias da universidade.

Em defesa do movimento estudantil!

Através do movimento estudantil (ME) é que podemos conquistar a universidade que queremos: democrática, de qualidade e voltada para a maioria da população. Por isso, o XI Congresso deve representar também um avanço em nossa organização e política. Ao longo da história, muitas vezes demos verdadeiras “aulas de democracia” à sociedade, através de mobilizações como a que aconteceu ano passado. Para que isso siga adiante, o ME uspiano deve ter democracia interna e opinião firme sobre as questões que pautam a educação brasileira.

A mobilização das universidades federais tem deixado claro como as políticas de PT e PSDB se aproximam para a educação. Ao mesmo tempo, na USP, a “transição democrática” se mostra cada vez mais urgente. Diante disso, não será através da prática política estreita e vanguardista que teremos vitórias — isso nos enfraquece e afasta os estudantes. Tampouco podemos desenvolver uma política “internista”, que discuta somente a USP e deixe de lado o que acontece em todo país. No último período, temos visto se organizar no ME da USP setores abertamente reacionários e conservadores, que visam à própria desarticulação do ME. Para voltar a referenciar nosso espaço de organização, precisamos de uma construção **ampla, aberta e democrática**, com **autonomia política**.

Na USP, como no Brasil e em todo o mundo, “nada deve parecer natural, nada deve parecer impossível de mudar”!

BUTANTÃ

Ciências Sociais: Pedro Serrano, Gustavo Rego, Paula Kaufmann, Daniel Ribeiro, Ariane Machado, Carolina Ucha, Matheus Trevisan, Giovanna Marcelino, Gabriel

Regensteiner, Daniel Vinha, Rafael Marino, Luana Gurther, Mateus Moretti, Yan Rego, Fabrício da Silva, Rafael Lima, Renan Theodoro, Giulia Tadini, Samir de Almeida, Thiago Aguiar, Natália Lago, Matheus Jeronymo, Guilherme Prado, Andreza Davidian, Fernanda Ticianelli, Lucas "Itu" França, Wesley Pereira, João Pedro Paro, Vitor Torres, Felipe Coelho, Yo Sakanaka, Miguel Barbosa, Vitor Medalla, Téo Fronzi, Gustavo de Paula, Henrique Santana, Victor Bessa, Júlia Daher, Vithor Lúcio

Letras: Sâmia Bomfim, Barbara Guimarães (Babi), Lindberg Filho, Anai Montanha, Antonio Castro, Olivia Tavares, Jacqueline Alberti, Felipe Chagas, Dandara Gillopes, Giovana de Andrade, Barbara de Rossi, Cauê Rodrigues, Leticia Rosa, Thais Neves Marcelo, Kleber Ribeiro, Thais Portela, Mariana Cruz, Paulo de Tarso, Dário Neto (Pós), Larissa Rodrigues, Mirella de Carvalho, Huang Yu Wen, Caio Furtado, Rafael Franzoni, Sheila Medeiros, René de Jesus, Hugo Miranda, Rodrigo Rodrigues, Marcelo Vieira Junior, Otavio Albino, Barbara Chaves, Igor de Lima.

Geografia: Gabriel Lindenbach, Andreia Bianchi, Amanda Voivodic, Danillo Prisco, Caio Zarino (Pós), Mauricio Costa (Pós), Caio Miazzi, Pedro Maia Veiga, Felipe Bisulli, Jorge Lazarini, Samiyah Becker, Felipe Zeitlin, John Nishida, Luiz Henrique Bocalin, João Gabriel Ferraz, Guilherme Ameida

Química: Káritas Gusmão, Guilherme Andrade, Mariana Romano, Willian Moreira, Marcela Baena, Paulo Pereira, Edimar Sella, Eduardo Gomes Pereira, Lucas Monteiro, Rafael Trivella, Tamirisi Sakamoto, Marianna Sotti, Ryudi Beraldo.

Farmácia: Raul Santiago Rosa, Thaís Mikami, Felipe Araujo, Nuno Albuquerque da Silva, Gustavo Tiguman, Diego Prieto, Gustavo Takata, Marina Ferreira, Ana Clara Zanei, Letícia Schmiedecke, Maisa Martins

IME: Anderson Reis, Bruno Zaidan, Adrian Cavalheiro Fuentes, David Kohan, Otavio Mattos Junior, Tiago Madeira, Guilherme do Espirito Santo, Adam Rudnik, Barbara de Lima, Rodrigo Cabral, Marcelo Gauy, Marcelo Ujvari, Hilder Pereira, Felipe Albuquerque, Kelly de Freitas, Marcela Maseio, Abmael Junior, Thiago Barbosa, Yuri Leal, Jorge de Assis, Lucas Hayashida, Hugo Bezerra da Silva, Felipe Gatti, Joana de Souza, Felipe Santos Silva, Luísa Marini Abate, Frank Palhares Sergio, Victor Portella, Mateus Akio Costa Yano

Odontologia: Marcelo de Jesus "Dentinho"

Psicologia: Richard de Oliveira

FAU

Márcio Hideki Itasik, Martim Passos, Enzo Nico

História: Aline Laura Tavella, Eduardo Peruzzo

Filosofia: Gustavo Jeronimo, Luciano Laface

IO: Diogo Braga Pessoa

IAG: Adriana D'Machio, Marco Antonio Vilar

FOFITO: Barbara Cruz, Bruna de Almeida Arruda

Turismo: Rebeca Yoshisato

Jornalismo: Tatiane Ribeiro, Camila Ramos

Relações Internacionais: Samuel Grillo

Biologia: Pedro Vidal

Física: Alex Sandro de Lima, Felipe Pereira

Pedagogia: Fernanda Lopes, Natalia Montagner, Mayara Tricarico

POLI: Gustavo Boriolo

FEA: Charles Rosa, Nathan Carturan, Adriane Costa, Bianca Sousa, Bruna Silva, Ezio Souza Filho

DIREITO

Michel Lutaif, André Baliera, Pedro Ivo Gomes, Alex Monteiro, André Leal, Orlando Neto

PINHEIROS

Nutrição/Saúde Pública: Monique Santos, Esther Fernandes, Roberto Rubem Brandão (Rubão), Joyce Martins, Aline Sardinha, Denise Roberto, Juliana Aragi, Thamiris Tavares, Adriana Carriere, Vera da Silva, Caroline Gallo, Wellyngton dos Santos, Milena Nadocci, Vanessa de Souza, Isabella Alves, Mayra Barata, Sofia Yoneta, Fabiana Nascimento, Beatriz Mei, Maria Eunice Waughan, Vanessa Silva Couto, Cesar Moraes, Raquel Santiago, Fernando Petracioli, Juliana Francini, Frederico d'Avila (pós), Natalia Simoni, Marcela Vanzan, Daniel Gimenis, Livia Magion, Juliana de Jesus, Marina Homsí, Raissa Balanco, Allan Gomes, Renan Mancio, Joana Alonso, Caroline Matsui, Vanessa Pereira, Isabel da Silva, Angela Sun Li Wu, Larissa Costardi, Ariana Lee, Tatiane Pereira, Andressa da Mata, Monica Fraga, Natália Doria, Marina Pilotto, Mayara Boas, Cássia Navas, Renata Vizeu, Gabriela Takeda, Marina Matsubaro,

Luciana Melo, Cinthia Cristina, Christiane Magalhães, Eloísa Stavale, Patrícia Pereira, Laíra Rigueira, Lucia Guerra, Janaina Calu Costa, Aline Sardinha

Enfermagem: Reinaldo Fernando Leite

EACH

GPP: Ivie Macedo, Mayara Vincenzi, Daniel "Negresco" Lino, Izabel Sampaio Pereira, Ana Fazani, Gabriela Camacho, Fernanda Oliveira, Carolina Rocha, Débora Monteiro, Caroline Marques, Flávia Rodrigues

SI: Camila Izidio Costa, Nathan Bortman, Gabriel Onibeni Pelussi, Ariel Palmeira

LCN: Denis Cristian Beraldo

SÃO CARLOS

Engenharia ambiental: Rafael Damiano, Thais Cerveira, Luis Felipe Bucater, Sean Federsen, Rafael dos Santos Ferrer "Arroz", Caroline Botta, Mirele Andrade, Cibele Ferreira, Túlio "Queijo" de Lima, Lucas Augusto Beco, Fellipe Brigatto Moreira, Gabriela Lucchesi, Renato de Oliveira, Pedro Ferrão, Carolina Santos, Bruno Portari Jacobsem, Neuza Fujiko Bernardino

Engenharia de produção: Felipe Magnus Schmidt, Guilherme Desiderio, Thiago Shiguenaga

IFSC: Rodrigo Barreto, Julio Cesar Cardoso, Aline Patriota

Pós: Diego Rorato Fogaça, Dante Peixoto

PIRASSUNUNGA

Uanderson Pateis, Julia Jeselevich, Adélia Motta, Felipe Guedes, Luisa Borher, Yuri Mizuno, Bárbara dos Reis, José Carlos Filho, Marcello Ferreira, Beatriz Oliveira, Camile Stangrini, Anderson Cabral, Larissa Aparecida Augusto, Jéssica Campos, Lisiane Brichi, Amanda Milleli, Lidiane Grigoletto, Letícia Baptista, Fernando Henrique Garcia, Rogério Augusto Estácio, Sarah Rodrigues, Carla da Rocha, Karla de Oliveira

LORENA

Yuri Nunes, Guilherme Gonçalves de Godoy, Guilherme Mello Duarte, Igor Leonardo de Sousa, Cleverson de Freitas Souza, Evanderson Silva, Daniele Ayumi, Guilherme Guedes

RIBEIRÃO PRETO

Nathalia Oliveira, Adriana Adell, Bárbara Gomes, Mayumi Kyboyama